

Editorial. Byung-Chul Han, aliado da psicanálise

Editorial. Byung-Chul Han, aliado del psicoanálisis

Editorial. Byung-Chul Han, an ally of Psychoanalysis

Juan Almeyda-Sarmiento 

juanalmeyda@estudiante.ufscar.br; juanalmeyda96@gmail.com
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



Editorial

Recepción: 2024/11/12 – Aprobación: 2024/12/09

eISSN: 2145-8529

<https://doi.org/10.18273/revfil.v24n1-2025014>

1. Introdução

Este editorial surge de um interesse que vem se desdobrando em várias investigações anteriores, as quais têm seu ponto alto em meu livro *Hacia una ética del jardín* (2023). Talvez minha contribuição mais importante para a leitura de Han seja minha proposta de entender que as lacunas na teoria do autor não são omissões, mas convites, desafios ou insinuações do coreano-alemão para o leitor. No caso do meu livro, eu me aprofundi nas seções relativas ao Oriente que ele deixa sem elaboração em sua filosofia, na tentativa de redirecioná-las para o projeto de emancipação subjetiva que Han se esforça para delinear em seus livros. No entanto, assim como acontece quando temos de abordar um tratado sobre o zen-budismo, voltar aos textos de Han sempre traz consigo caminhos a serem descobertos, ideias a serem elaboradas, formas de entender o mundo que ainda estão abertas para os

Informação sobre o autor: doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Metafísica pela Universidade de Brasília. Filósofo e Mestre em Filosofia pela Universidad Industrial de Santander (UIS). Professor do Departamento de Filosofia da UIS. Membro do grupo de pesquisa *Politeia* da UIS e *Constituição e Crítica da Subjetividade na História da Filosofia* da UFSCar.

Forma de referenciar (APA): Almeyda-Sarmiento, J. (2025). Editorial. Byung-Chul Han, aliado da psicanálise. *Revista Filosofia UIS*, 24(1), 1-7. <https://doi.org/10.18273/revfil.v24n1-2025014>

discípulos/leitores que desejam entrar e, assim, obter um tipo de saber que os ajudará a desembaraçar os emaranhados da crise geral (subjativa, psíquica, econômica, social etc.) em que vivem hoje.

No passado, junto com os professores Andrés Botero e Javier Aguirre (2022; 2024a; 2024b; 2024c), avancei em diferentes campos em relação ao caminho que Han deixa em suas obras; e é a partir desse marco de pesquisa que venho desenvolvendo sobre o autor que considero que há um campo específico ainda a ser explorado: a relação entre o que Han diz e a teoria psicanalítica. Esse interesse decorre do fato de que, apesar das críticas de Han à implementação da psicanálise na *sociedade do desempenho* (*Leistungsgesellschaft* ou *Achievement society*), o pensamento de Han se situa, sem que ele perceba, em um espaço de combate ao neoliberalismo no qual conceitos importantes para a psicanálise (tais como: desejo, corpo, sofrimento psíquico, subjetividade, crise psíquica, entre outros) se entrelaçam a partir da clínica com a crítica haniana. No entanto, o próprio Han, mais por causa de sua abordagem filosófica, ignora o potencial que sua tese sobre psicopolítica tem quando misturada com a economia libidinal psicanalítica. É esse o objetivo deste editorial, ou seja, servir como uma cartilha para um futuro estudo psicanalítico da psicopolítica.

2. Psicopolítica e psicanálise

O núcleo dos estudos de Han concentra-se na compreensão da *superação* da biopolítica, para a qual ele se baseia em Deleuze em um estudo do controle como a principal qualidade do regime psicopolítico e, ao mesmo tempo, inclui a psique como matéria-prima da psicopolítica, mantendo o exercício foucaultiano de estudo em relação ao corpo, práticas e subjetividade como mecanismos de exercício do poder (lembre-se de que a *superação*, no sentido hegeliano, não implica a eliminação de estágios anteriores, mas sua *inclusão dialética* em um conceito superior ou uma *modificação* seletiva em um estágio aprimorado de uma determinada ideia). No entanto, embora o psíquico esteja presente em Han e reflexões sobre o desejo e o gozo possam ser encontradas no estudo psicopolítico do autor (Han, 2014; 2017a), a psicanálise é relegada a algumas menções espalhadas por sua obra, bem como a algumas críticas ao uso de conceitos freudianos na *sociedade do desempenho* (Han, 2017b; 2024), daí surge a questão de quanto verdadeiro é o fato de a psicanálise não funcionar para ler o neoliberalismo atual.

A primeira coisa que quero destacar é que Han, ao fazer sua crítica, está falando com Freud, não com a psicanálise em geral, muito menos com a psicanálise contemporânea. O que o coreano-alemão está tentando fazer é expor como os conceitos freudianos, da forma como foram concebidos (em uma sociedade

moderna ou disciplinar), não funcionam na era do *homo digitalis*, porque, como se poderia supor, as mudanças no mundo daquela época até os dias de hoje são demasiadas; Han resume as mutações com a ideia do trânsito da disciplina para o controle (a sociedade de controle não opera psiquicamente da mesma forma que a disciplinar pensada por autores como Freud). Entretanto, observo que Han não tem medo de recorrer a outros autores psicanalíticos para apoiar suas ideias: Winnicott, Lacan, Fromm e Kristeva, para citar apenas alguns. Portanto, posso supor que Han não está alheio à presença da psicanálise no regime psicopolítico, mas escreve com base na premissa de que o leitor deve considerar os estudos pós-freudianos para situar a teoria psicanalítica na sociedade do desempenho. Isso fica evidente quando Han se refere à psicanálise como uma “psicologia negativa” (Han, 2021), ou seja, como um conhecimento capaz de perceber as sombras da psique e, a partir daí, entrar em um diálogo com a dor e o sofrimento. Esse conhecimento não os ignora nem os exclui, mas lhes dá um lugar dentro da constituição subjetiva do sujeito, permitindo assim que sejam integrados como parte da existência.

Assim, evidencio que a falta de profundidade em relação à psicanálise não ocorre porque Han a rejeite por conta de uma incongruência filosófica, já que Han de fato utiliza os estudos psicanalíticos em sua teoria, mas simplesmente porque o interesse pessoal de Han é outro, deixando ao discípulo/leitor a tarefa de imaginar o que poderia acontecer. Assim, encontramos um autor que critica o freudismo ortodoxo, no qual, segundo ele, existe uma clínica da sociedade disciplinar, da coerção externa, mas o que permanece em aberto é como poderia ser uma clínica (terapêutica) que pensasse sobre a sociedade de controle, mais especificamente, aquele desempenho que, para Han, se torna tão problemático devido à maneira como o trabalho morto capitalista entra na subjetividade e, a partir daí, exerce o controle. Minha tarefa a partir daqui é tentar analisar as próprias ideias de Han por meio de uma lente psicanalítica, de modo que eu possa revelar as interconexões de *psicopoder* e *economia libidinal* que envolvem o indivíduo em sua arquitetura psíquica, dando origem, assim, a um horizonte interpretativo que o próprio Han ignora de sua teoria devido à abordagem fenomenal/existencial que ele escolhe adotar para entender o sujeito e o mundo, mas que nos permite perceber não apenas uma reversão do psicopoder, mas também formas de emancipação dos mecanismos internos inerentes à subjetividade humana.

3. Economia libidinal e as formas de gozo do *homo digitalis*

Assim, chego à questão do desejo, mais especificamente, como ele se desdobra na estrutura de uma *sociedade do desempenho*, conforme descrito por Han. O próprio Han entende que a dinâmica do consumismo é legitimada pelo próprio sistema e tem em seu cerne a construção de um círculo vicioso dentro da

subjetividade humana, no qual o prazer e o desprazer se desdobram em razão da fórmula do *empreendedor de si mesmo*: quanto mais se trabalha, mais o sujeito está submerso em uma espécie de sofrimento subjetivo. No entanto, esse trabalho é visto como uma bênção por causa dos frutos que produz, ou seja, a capacidade de consumir, e por isso acaba sendo visto como um prazer. A exaltação do trabalho resulta de uma dinâmica quase totêmica em que o tempo é sacrificado para se obter a bênção do entretenimento consumista. O prazer neoliberal consiste em oferecer consumo para sublimar o desconforto do trabalho precário e desamparado; o desejo é reduzido ao sacrifício do tempo ao sofrimento do trabalho para obter os frutos do mercado, enquanto este ignora que o sofrimento que promove em algum momento se torna insustentável para o trabalhador ou empresário, daí a positividade dominante descrita por Han.

Isso, em termos de uma teoria psicanalítica, está relacionado a como o capital, em vez de um sistema econômico, social e de governança, está estruturado em torno da imposição de um regime de desejo. A psicopolítica centrada na psique de Han tem imbuída em si a questão do desejo, uma vez que a dinâmica psíquica que se estende ao interior do sujeito e o faz se auto-explorar pode ser entendida em termos de um controle da economia libidinal: a servidão voluntária do modelo hegemônico que Han expõe, com todas as suas dimensões, implica uma exploração do desejo e do gozo. O autor coreano-alemão reconhece isso em alguns de seus escritos, mas não lhe dá o lugar necessário no desenvolvimento de sua psicopolítica, uma vez que a reflexão filosófica sobre o desejo é um pré-requisito para pensar sobre a servidão voluntária, pois, como Lyotard (1990) aponta em seu estudo sobre a economia libidinal, "pode-se gozar engolindo o sêmen do capital" (p. 132), e é exatamente esse prazer que está relacionado ao sofrimento do *homo digitalis*: ele adora fazer algo que lhe causa sofrimento direto. No final das contas, voltamos a questão colocada por Freud (1996):

O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados com perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tomariam mais difícil a tarefa de viver (p. 74).

O *homo digitalis* que acredita ser livre não resulta apenas de um processo de alienação por uma força ideológica, mas permeia subjetivamente um regime de administração do desejo como a necessidade de gozo instantâneo, portanto, o consumo é um mecanismo fundamental para a perpetuação do neoliberalismo¹.

¹ Algo importante a ser observado aqui é a forma como o consumo não deve ser entendido apenas como um poder econômico, mas como uma lógica do desejo, ou seja, como uma simples satisfação que surge da capacidade de adquirir,

Quando essa ideia é extrapolada para as maneiras pelas quais o consumo afeta outros espaços da vida, isso nos permite aprofundar na violência positiva que Han expõe como uma *violência do gozo*. Para dar um exemplo, a digitalidade sempre implica a presença do consumo como o eixo da mídia; as redes sociais, como o novo espaço da sociedade do espetáculo de Debord (1995), implicam a satisfação psíquica do prazer do *homo digitalis* com o instantâneo, daí a formulação de um vínculo afetivo com o dispositivo digital.

O conforto do indivíduo do desempenho é dado principalmente pela forma como o sofrimento é positivamente ignorado em prol do gozo oferecido pelo mundo neoliberal, que incentiva um estilo de vida em que tudo o que gera interferência, desconforto ou agitação do círculo sistêmico de reprodução deve ser removido da equação para permitir um fluxo constante de trabalho/gastos/consumo². Trabalhar até a exaustão implica um gozo irrestrito até a morte, mas esse gozo não é dado sob o desejo adequado de passar pela vida da maneira menos atormentada, pelo contrário envolve sacrificar tudo por um simples gozo efêmero no qual se vende a ideia de que o sujeito se sente realizado, quando na realidade o que acaba acontecendo é uma simples cadeia de gozos infinitos que nunca conseguem gerar uma *existência* verdadeiramente exitosa³; o anterior não é nada mais do que uma exploração da economia libidinal como uma força que permite a promoção do capitalismo por outros meios. A ideia do consumo permanente legitima a ideia do trabalho desamparado e explorado, pois em um mundo onde tudo é medido em consumo, o valor do ser humano é medido da mesma forma, na capacidade de consumir, algo que o próprio Han expôs em seus escritos.

mas do fluxo e contrafluxo de gozo que surge dentro da psique do ser humano ao habitar um mundo que se expõe como vitrine, como aponta Lipovetsky: “O materialismo da primeira sociedade de consumo passou de moda: assistimos à expansão do mercado da alma e de sua transformação, do equilíbrio e da auto-estima, enquanto proliferam as farmácias da felicidade. Numa época em que o sofrimento é desprovido de todo sentido, em que os grandes referenciais tradicionais e históricos estão esgotados, a questão da felicidade interior “volta à tona”, tomando-se um segmento comercial, um objeto de marketing que o hiperconsumidor quer poder ter em mãos, sem esforço, imediatamente e por todos os meios. A crença moderna segundo a qual a abundância é a condição necessária e suficiente da felicidade do homem deixou de ser evidente” (2007, p. 15). Isso indica que o consumo não é apenas uma prática baseada no materialismo, mas que é algo mais profundo, enraizado em outra dimensão do ser humano.

² Deve-se entender aqui que, por trás da lógica do desempenho, há todo um sistema de valores que mede como alguém pode ser considerado “competitivo”, já que não se trata apenas de uma questão econômica, mas também cultural e social; a competitividade como uma ontologia do indivíduo que é hiperestimulada na era neoliberal implica que o indivíduo deseja se autoexplorar em elementos que estão localizados dentro e fora do trabalho, portanto, o consumo atravessa toda a lógica da competitividade para fazer com que os sujeitos, estejam eles desempregados ou não, procurem maneiras de se aperfeiçoar para poder consumir ainda mais, de modo que busquem novas fontes de renda.

³ Termo de Peter Handke (1994) que busca compreender a maneira como o sujeito se sente realizado não na busca ambiciosa de grandes conquistas, mas no desfrute do agora como parte de uma história que toma o passado como fonte que inspira o presente a pensar no futuro.

4. Conclusões

Assim, deixo a porta aberta para pensar em como o desejo se expressa nesse *homo digitalis*, quais são suas cadeias e, além disso, quais são suas formas de fuga. A relação entre o pensamento de Han e a teoria psicanalítica nos permite ver outra dimensão do desempenho que precisa ser aprofundada para analisar essa servidão voluntária à qual o sujeito se rende e que é tão perigosa hoje em dia. É preciso entender a relação entre a filosofia e outras disciplinas como uma necessidade para compreender de forma mais ampla os fenômenos que afetam a sociedade, daí o convite de Han para entrar no caminho do inconsciente, do desejo, do reprimido e da transferência a fim de investigar as formas não percebidas de servidão que o sujeito contemporâneo deve enfrentar para conseguir viver sem ser torturado até a exaustão pelo sofrimento. Entretanto, como a própria teoria psicanalítica demonstra, essa economia libidinal não precisa ser destrutiva, mas pode levar a outras formas de viver em que o sujeito pense em seu desejo como a possibilidade de algo mais. Algo sobre o qual o próprio aroma haniano poderia dar uma resposta.

Referências

- Almeyda, J. (2023). *Hacia una ética del jardín. Estudios filosóficos sobre el pensamiento de Byung-Chul Han*. Editorial UIS.
- Botero, A., Aguirre, J. y Almeyda, J. (2022). “No hay tiempo que perder”: disincronía temporal, desfactificación y psicopolítica como paradigmas del neoliberalismo contemporáneo. *Universitas Philosophica*, 39(79), 179-207. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.uph.39-79.nhttp>
- Botero, A., Aguirre, J., & Almeyda, J. (2024a). *Homini cochlea* o tiburón del rendimiento. El horizonte subjetivo por venir en el marco del capitalismo contemporáneo pospandémico. *Perseitas*, 12, 345-374. <https://doi.org/10.21501/23461780.4884>
- Botero, A., Aguirre, J., y Almeyda J. (2024b). Política a contratiempo. Apuntes para un futuro posible en el marco de la sociedad del rendimiento (*Leistungsgesellschaft*). *Co-herencia*, 21(40), 143-171.
- Botero, A., Aguirre, J., y Almeyda, J. (2024c). El ombligo de la subjetividad. Consideraciones desde Freud al dogma de la transparencia. *Praxis Filosófica*, (59), e20313608. <https://doi.org/10.25100/pfilosofica.v0i59.13608>

- Debord, G. (1995). *La sociedad del espectáculo* (R. Vicuña, trad.). Ediciones Naufragio.
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer (J. Salomão, trad.). En: *Obras Psicológicas Completas, Volume XVIII* (1925-1926) (pp. 17-75). Imago Editora.
- Han, B. (2014). *La agonía del Eros* (R. Gabás, trad.). Herder Editorial.
- Han, B. (2017a). *La expulsión de lo distinto* (A. Ciria, trad.). Herder Editorial.
- Han, B. (2017b). *Topología de la violencia* (P. Kuffer, trad.). Herder Editorial.
- Han, B. (2021). *La sociedad paliativa. El dolor hoy* (A. Ciria, trad.). Herder Editorial.
- Handke, P. (1994). *Ensayo sobre el día logrado. Sueño de un día de invierno* (E. Barjau, trad.). Alianza Editorial.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. (M. Machado, trad.). Companhia das Letras.
- Lyotard, J. (1990). *Economía libidinal* (T. Mercado, trad.). Fondo de Cultura Económica.